

CEDI

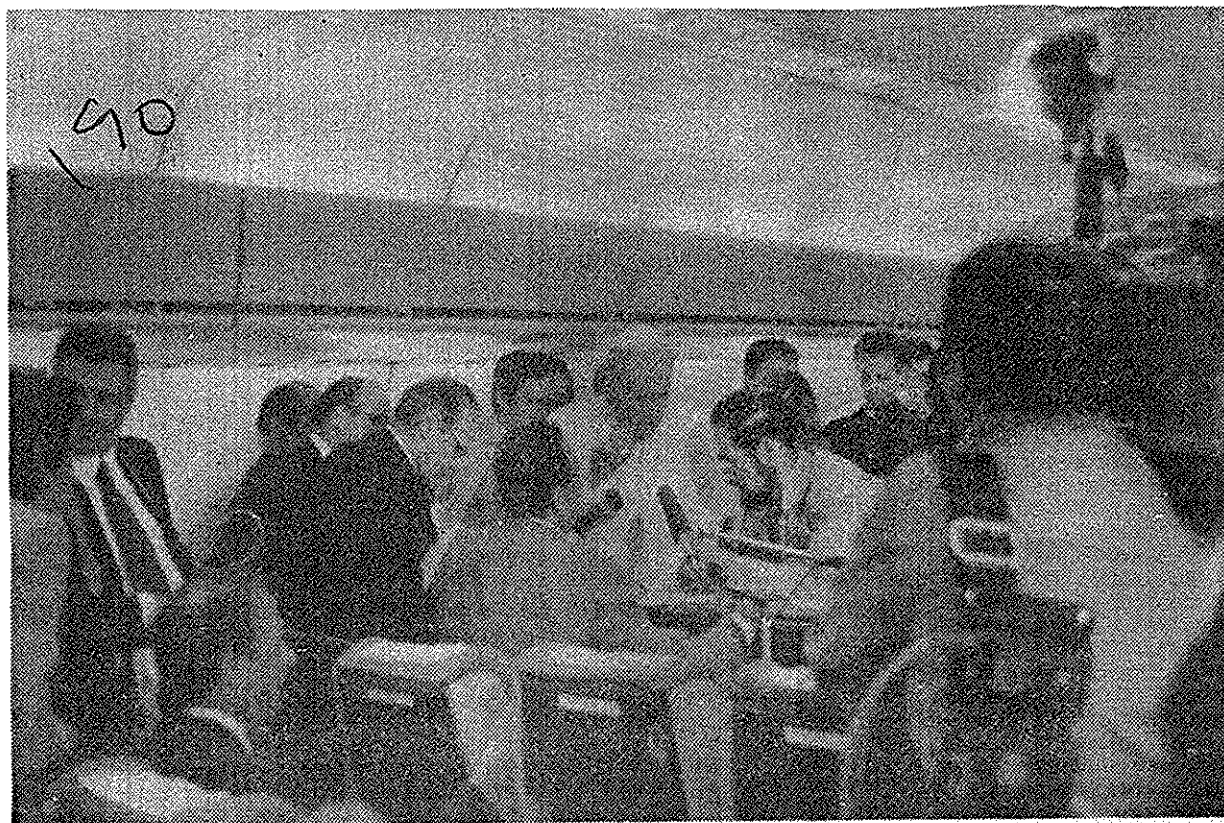
# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal do Brasil (Rio de Janeiro)

Class.: 813

Data 1 de julho de 1980

Pg.:



*Durante o voo, o Papa, em cinco idiomas, conversou com os jornalistas, indo até as suas poltronas*

## Queixa de índio já está com o Papa

"Na data em que o Papa chega ao território brasileiro, a situação dos povos indígenas é tema de uma discussão nacional. O destino das nações indígenas preocupa vários setores da opinião pública, particularmente neste momento quando, além da dramática luta em defesa da terra, os índios exigem a demissão dos diretores do órgão oficial encarregado de elaborar e executar a política indigenista — a Funai.

Esta é a introdução do documento distribuído pelo Conselho Indigenista Missionário, através do Secretariado-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Embora a mensagem do Papa às nações indígenas esteja prevista para Manaus, quando se despedirá do país no próximo dia 11, ontem, em Brasília, além deste documento distribuído pelo Cimi, outro foi entregue ao Papa por 60 índios, representando 25 nações.

No documento o Papa é informado que a população indígena é de 210 mil 360 índios, falando 155 idiomas diferentes, entre 120 milhões de brasileiros. Esta população é o que resta dos 6 milhões de índios encontrados pelos portugueses há 480 anos, sendo que só neste século desapareceram 800 mil índios de 90 nações diferentes.

O documento demonstra como as frentes de penetração, conduzidas por empresas multinacionais — Volkswagen, Swift, Nixdorf, Brascan, Jari Florestal — por meio de rodovias e projetos agropecuários estão afetando as comunidades

indígenas. Menciona, particularmente, o caso dos índios nambikuara, do vale do Guaporé, ameaçados, mais uma vez, por uma tangente da Rodovia BR-364 (Cuiabá—Porto Velho) que, em menos de 25 anos, dizimou 9 mil 500 nambikuara. Preocupa-se com o destino dos índios coxodó, contatados no último dia 8 de maio, e ameaçados pela rodovia Labrea—Benjamin Constant, no Amazonas.

Pelas leis brasileiras, o índio é considerado como relativamente incapaz, cabendo ao Poder Público responder por ele.

"Desta forma" — acentua o documento do Cimi — "os povos indígenas não são sequer considerados donos de sua terra, e podem ser retirados da que ocupam por questões de segurança nacional, para obras de desenvolvimento nacional e para exploração de riquezas do subsolo".

A Funai, no entender do CMI, "exerce a política indigenista do Governo brasileiro encaixada no mesmo Ministério encarregado dos projetos de desenvolvimento e expansão da fronteira econômica para o interior do país. Isto significa que a Funai atua ao lado dos órgãos como a Sudam, Sudene, Sudeco, Sudeul, financiadora dos projetos agropecuários de mineração, madeireiros, que atraem sobre as áreas indígenas o interesse dos grupos econômicos nacionais e multinacionais, peça fundamental do

modelo econômico exportador do Governo militar brasileiro".

Ainda analisando a política indigenista, o documento lembra o projeto para emancipação dos índios, engavetado em 1978 após um protesto nacional e que, agora, retorna sob a forma de "política de regionalização", pela qual a Funai abdica de suas responsabilidades transferindo-se para os Governos de Estado, onde os governadores quando não são eles próprios latifundiários, estão vinculados politicamente a eles e são notoriamente defensores da grande propriedade".

Após fazer um breve histórico do trabalho do Cimi desde a sua fundação, em 1972, e o surgimento de outras entidades de apoio ao índio, o documento menciona que a resposta dos índios para a sua situação tem sido a realização de assembleias estimuladas pelo Cimi e estas outras entidades.

Considera-se que foram obtidas importantes vitórias com estes movimentos, no entanto "estas vitórias parciais custaram muito sangue de índios e de seus aliados. Em 15 de julho de 1976, defendendo a terra, foram assassinados por 62 fazendeiros, o Padre Rodolfo e o índio Bororó Simão Cristino; a partir de então a escalada de violência aumentou e outros assassinatos foram cometidos: assassinaram o Padre Burnier, em dezembro de 1979; o líder da nação pankararé, Angelo Xavier, em janeiro de 1980; Angelo Crêta, líder kaingang, em fevereiro; e os guajajara Mateus e Moreira".